



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Gente Singular

Novelas Eróticas

Maria Adelaide

Ana Rosa



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Gente Singular

Novelas Eróticas

Maria Adelaide

Ana Rosa



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Gente Singular

Novelas Eróticas

Maria Adelaide

Ana Rosa

Volume II

Coordenação

José Alberto Quaresma

Nuno Júdice

Prefácio

Helena Carvalhão Buescu

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.imprensanacional.pt
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos,
de acordo com a legislação em vigor.
© José Alberto Quaresma e Nuno Júdice
© 2021, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção gráfica
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Revisão

José Vieira

Paginação

Leonel Duarte

Fontes tipográficas

Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre

Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: novembro de 2021
ISBN: 978-972-27-2952-9
Depósito legal: 487 388/21
Edição n.º 1024901



Imagem da contracapa: Manuel Teixeira-Gomes (c. 1910), fotografia,
Officinas Photographicas, Lisboa. BNP Esp. N46/cx. 40

PREFÁCIO

Estas quatro obras correspondem ao conjunto mais significativo da segunda parte da obra literária de Manuel Teixeira-Gomes, uma vez publicados anteriores volumes em que se afirmavam as principais características da sua estética: o sensualismo descritivo, a atenção ao pormenor singular, a captação de episódios muitas vezes elaborados como fragmentos autónomos. Todas estas características se consolidam, nas obras agora publicadas, de forma distinta — embora em todas elas possamos compreender o seu alcance e a forma como contribuem para a invenção e o singular estilo de Teixeira-Gomes. Veremos, em cada um dos quatro títulos, de que modo podemos encontrar estes elementos e como eles se combinam para definir uma voz invulgar no nosso panorama literário do início do século xx.

Gente Singular foi publicado em 1909, no final da monarquia portuguesa. Teixeira-Gomes, que viria a ser Presidente da República (o sétimo), entre 1923 e 1925, deixa-se aqui transportar pela sua atenção ao pormenor e à particularidade nos factos aparentemente mais comuns e quotidianos da vida. Assim, a «gente singular» de que fala, e que poderíamos num primeiro momento imaginar como indivíduos extraordinários, apresenta-se, pelo contrário, como conjunto de sujeitos enquadrados em contexto menor, as pequenas ou grandes cidades e vilas, os usos e costumes habituais (e não-habituais!) da sua gente, os campos atravessados pelo narrador e pelas personagens, os lugares de alguns dos seus desvios e especiosidades. São estes os indivíduos sobre quem recai a ideia de «gente singular».

E porquê? O que Teixeira-Gomes propõe é que é nestes pequenos parceiros da vida menor que, com atenção, se podem encontrar características e episódios, que protagonizam, de alguma forma peculiares. Transportando para uma escala maior: não haveria vida alguma em que um olhar atento não viesse a descobrir a agudeza da diversidade e da diferenciação. É pois o seu olhar que nos guia, e a sua fina sensibilidade que nos chama a atenção para as disparidades e estranhezas que passam muitas vezes sem nota. Tais disparidades recebem, em *Gente Singular*, muitas vezes um tom irónico, satírico, ou mesmo cáustico, que não apaga, entretanto, uma empatia infeliz, como no caso da Princesa Venérea, protagonista do primeiro conto. Já na história protagonizada por Leonor, a equívoca mulher que com aparente inocência está na origem do desastre financeiro do protagonista, ou na dos quatro manos que governam o grotesco episódio do conto «Gente Singular», o que sobreleva é a facilidade com que, mesmo a propósito do mais inopinado objeto (uma retrete...) é o episódio inesperado e faceto que se torna relevante: o olhar do narrador sempre perspicaz e sarcástico, que traz à tona as «singularidades» (e recordemos Eça de Queirós, no conto do mesmo nome) de gente aparentemente sem história... («O triste fim do major Tatibiate» ou «Profecia certa».)

Novelas Eróticas (1935), *Maria Adelaide* (1938) e *Ana Rosa* (1941) representam os últimos anos de produção literária de Teixeira-Gomes, desde 1925 já no autoexílio em que viria a morrer, em outubro de 1941, em Bougie (Argélia). O sentimento do esteta que foi Teixeira-Gomes é aqui levado ao extremo, num sensualismo ímpar na literatura portuguesa (mormente quando, na primeira metade do século xx, os tempos iam de feição ora a um intelectualismo modernista, ora a uma visão psicologizante, que o autor de que nos ocupamos também não pratica).

É curioso que a propósito de Teixeira-Gomes por vezes se veja usar o termo «nefelibata», que caracteriza um certo sentido de alheamento da realidade. Curioso porque, na verdade, o que nele se impõe é, pelo contrário, uma atenção particular e sensorial à materialidade pormenorizada das coisas, de tudo quanto existe e toca, por vezes de forma tão vívida, o narrador. É isto que subjaz às novelas que intitulou eróticas, porque o são de facto — e não poderiam sê-lo sem essa prevalência do corpo material que, justamente, está na base da pulsão erótica. Esta pulsão convive, por outro lado, de mãos dadas com a melancolia que a sua memória convoca: o narrador de Bougie recorda os episódios cosmopolitas e eróticos que, na

sua juventude, viveu em Amesterdão; em Sevilha e Córdoba; em Barcelona, no Mar Tirreno e em Itália; em Barcelona e Turim; entre Esmirna e Constantinopla; e, enfim, no «seu» Algarve, que nunca anda muito longe de si. É, assim, um erotismo cuja densidade temporal (antes e agora) permite olhar para o passado como prazer dos sentidos, revivendo-o através da melancolia do presente. Esta situação torna o narrador num espectador contemplativo do seu próprio prazer no erotismo do mundo, representando-o de forma complexa e autorreflexiva. Por outro lado, novelas como «A Cigana» ou «O Sítio da mulher morta» combinam sensualidade, pitoresco e uma curiosa forma de narrativa simultaneamente realista e mágica, se não mesmo fantástica, assim dando conta de uma espessura contrastante a este conjunto de novelas, e mostrando a subtil arte literária do autor.

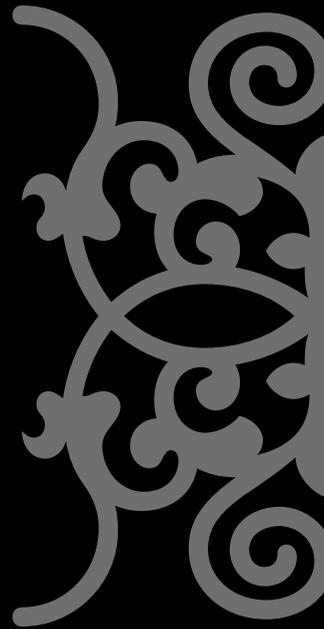
Esta mesma mescla de características tão diferentes e mesmo aparentemente incompatíveis dá o tom, de modo ainda mais intenso, ao romance *Maria Adelaide*. Nele, o narrador, Ramiro d'Arge, apresenta um conjunto de atributos que já vimos serem próprios da escrita sempre liminarmente autobiográfica de Teixeira-Gomes. O deslumbramento com a paisagem algarvia é aqui total, emergindo em curtos fragmentos que pontuam os também muito curtos capítulos que constituem a obra. Esta estruturação dá ao romance um ritmo sacudido, ao surgir como breves episódios de uma linha quebrada que constitui a história que se desenrola: o nascimento, desenvolvimento e cruel morte, aos pedaços (em sentido metafórico e literal), da relação amorosa entre o narrador e Maria Adelaide. Dos primeiros episódios, todos eles centrados no êxtase erótico e amoroso que leva o narrador até Maria Adelaide, aos interregnos que constituem as crises nervosas e as acusações mútuas em que se vão embrenhando, até à dolorosa morte da protagonista e subsequente fascinação erótica do narrador por uma nova e precoce amante, este romance traça uma pequena e invulgar suma dos principais traços da invenção literária de Teixeira-Gomes, bem como do seu estilo apurado. Se ainda houvesse dúvidas, elas seriam aqui apagadas: Teixeira-Gomes considera a prosa de ficção (mas também a autobiográfica) como uma forma quase isenta de moralismos e dos constrangimentos retóricos do romance burguês, na descrição de uma história de amor em que a relação física é simultaneamente o fator desencadeador da história amorosa, mas também o elemento por que cruelmente ela se vai desfazendo. Não há aqui contemplanções relativamente ao emaranhado psicologicamente indecifrável e duro que constitui o ser humano: não é

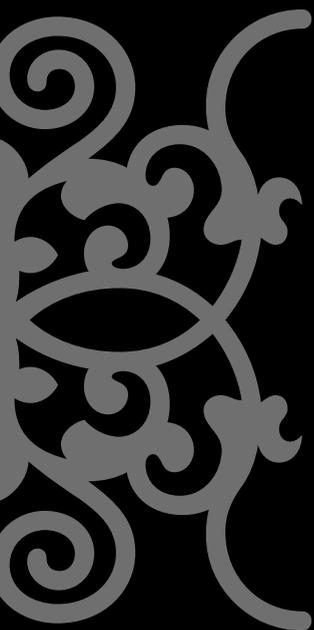
apenas o narrador que é singular, mas, e como atrás vimos, todos os humanos o são, de uma forma ou de outra.

Esta linha de continuidade prossegue, aliás, na última obra publicada no próprio ano da morte de Teixeira-Gomes, *Ana Rosa*, permitindo assim avaliar a consistência e coesão do seu projeto literário. Na verdade, e muito embora o manuscrito publicado que nos chegou corresponda apenas ao esboço do romance que o autor chegara a anunciar, é admirável a forma como estas poucas páginas representam uma rima e simultaneamente um remate relativamente à inconfundível produção literária de Teixeira-Gomes. Tudo aqui, como na restante obra, aponta para o fazer de um *artiste*, palavra que no léxico da época sublinhava o apurado sentido estético e estilístico que um autor imprimia ao que escrevia, pintava ou esculpia. Teixeira-Gomes é aqui esse *artiste*, comprazendo-se no requinte com que usa a palavra e nos faz imergir, a nós, leitores, diretamente na trama ficcional. Na realidade, os primeiros parágrafos daquele que seria o primeiro capítulo de um novo romance, inacabado como vimos, mergulham-nos numa cena em tudo idêntica à de *Maria Adelaide*: as intensas impressões de um encontro amoroso que acaba de ter lugar, no quarto do narrador. Poderia ser uma cena saída de *Maria Adelaide*. Não o sendo, ela atesta a continuidade de traços inventivos e estilísticos do seu autor, que assim demonstra a persistência de uma imaginação e de uma efabulação em que o sensualismo impera. Ana Rosa é, no entanto, e no esboço a que temos acesso, diferente de Maria Adelaide — e as reflexões que o narrador faz acerca da violência com que consumara (quase como «um estupro») o ato sexual, em contraste com a ternura e a confusão de Ana Rosa, de novo nos remetem para a consciência inteira dos inexplicáveis conflitos que ao humano estão reservados. A impiedosa e autoconsciente descrição que o narrador faz de si mesmo, dos seus ímpetos e desejos, sublinha a forma como Teixeira-Gomes, nas suas últimas obras, alia à sensualidade, sua característica, o impulso reflexivo que, aliás, em muito ultrapassa a dimensão da psicologia (e, em particular, de qualquer hipotética «explicação» psicológica). E o facto de a descrição que temos de Ana Rosa dar conta, na sua brevidade e impossível desenvolvimento, de uma configuração feminina que permitiria abrir para diferentes caminhos romanescos não faz mais do que deixar-nos, leitores, como ao narrador, expectantes face ao que não nos será nunca possível conhecer: o resto da história.

O conjunto destas quatro obras confirma o teor da imaginação literária de Teixeira-Gomes, afirmando-o como o elegante escritor dos sentidos e do prazer, ao mesmo tempo que do deslumbramento das coisas, seres e paisagens e, muito em particular, do «seu» Algarve. Uma sensibilidade vibrante, a sua, aliada a um realismo que nos dá a textura do mundo.

Helena Carvalhão Buescu
Centro de Estudos Comparatistas
Universidade de Lisboa







ANA ROSA

Quando voltei ao meu quarto, ainda com o sabor dos seus últimos beijos, apressados e sôfregos, nos meus lábios e o som da porta do pátio que retumbara a ecoar-me no cérebro como a ameaça da separação e me sentei na cama desfeita a lembrar a delícia daquela hora tão breve, percebi que um acontecimento gravíssimo se dera na minha vida.

Embora leve, assaltou-me a apreensão do remorso, explicando-me quanto havia de justificado no vago pressentimento de uma calamidade que me fizera adiar, quase medroso, a execução de um ato que tantas outras vezes o desejo muito menos intenso precipitava.

Ana Rosa era diferente, mas incomparavelmente, das outras raparigas que tinham passado por aquele mesmo quarto e ali se me haviam entregado. Mimosa e simples, com o olhar púdico de quem se purpuriza à confissão ingénua do amor, consciente e teimosa nesse amor, satisfeita, orgulhosa de se ver desejada por aquele a quem ela erguera altares no íntimo da sua alma, abandonara-se ao seu destino sem cálculo nem reserva e na brutalidade quase selvagem da minha impaciência, dorida do que o ímpeto da minha concupiscência quase tornava um estupro, as suas mãos procuravam na sombra o meu rosto e acariciavam-no com delicadezas de arminhos, ternuras infantis, como que a desculpar-me do que ela sofria.

Fora uma violência de que me ficara o mau ressaibo por entre a lassidão dos sentidos apaziguados. Nos meus nervos fulguravam línguas de fogo que me queimavam a carne e mais de uma vez olhei as próprias mãos

estranhando que não escorressem sangue, as minhas mãos ainda quentes do contacto do seu corpo por onde [durante uma hora] se haviam soltado iconoclastas e selvagens, represando-o sem piedade, e entre as quais eu a julgava ainda a estrebuchar.

Ela ficara silenciosa e quieta; depois atirara-se-me de encontro ao peito procurando com os lábios os meus lábios; desprendera-se rapidamente repelindo-me com força; abrira a porta do quarto, sem atinar com o fecho, soltando com extraordinária energia os dois batentes; recuara diante da luz; beijara-me de novo, ansiosamente, na angústia da despedida, deixando-me nas faces a morna humidade das suas lágrimas; caminhara direito à porta do pátio, levando-me pela mão, para que a não largasse e fugira empurrando a porta que se fechara [sobre mim] com estrondo. E eu ficara, todo ouvidos, colado à porta, a escutar ainda a sua respiração, parecendo-me sentir-lhe o coração bater, [imaginando inverosímeis catástrofes], agoniado com o temor de que alguém a encontrasse ali e ela morresse de vergonha, ou, pior, saísse à rua a gritar a sua desonra, ou se fosse embora decidida a não voltar mais...

Mas os seus passos soaram para o interior do edifício, direito ao armazém onde as suas companheiras trabalhavam e eu voltei mais tranquilo ao meu quarto e sentei-me a refletir.

Porque pela primeira vez em casos assim de tão monótona frequência eu sentia a necessidade de refletir e pela primeira vez também as ideias se me atropelavam e confundiam e todos os meus sentidos voltavam à exaltação da luxúria, com intercadências quase piegas de sonhos castos, para alcançar puras carícias, êxtases espirituais, adorações profundas. E a convicção de que o caso era realmente seriíssimo na história da minha sensibilidade apanhou-me, sobrenadando o receio de que algum imprevisto incidente viesse opor-se à continuação da aventura.

Ainda não decorrera meia hora após a separação e já eu imaginava pretextos para a ir ver — como se pretextos fossem necessários, como se não bastasse transpor alguns metros apenas, dentro da minha própria casa, como se todos os dias e a cada instante eu não aparecesse no armazém, só para a ver, só para conversar com ela e se isto não fosse o habitual e o razoável, e se as suas companheiras e o feitor, e toda a gente não estivessem acostumados a ver-me requestá-la e não fossem cúmplices, tácita ou expressamente, na lenta decomposição da sua alma e se não alegrassem à ideia de que ela sucumbiria, como tantas outras e após uma semana

de alegria e de luxo — os lenços de seda novos, as saias de percal com folhos — o destino a não levasse [ao abandono e à] prostituição!

Das outras vezes eu é que não voltava ao armazém, buscando pretextos para me não expor às reincidências fastidiosas, já temendo a perseguição, as exigências, os ares de triunfo e os amuos.

Mas agora era uma estranha timidez que me tolhia: a brusca saída, a hesitação no pátio, o duro bater da porta quase na minha cara, não significava tudo isto irritação pela minha brutalidade, aborrecimento, arrependimento de haver cedido, vergonha, resolução de não continuar.

Os últimos beijos haviam, decerto, representado, sôfregos, mornos de lágrimas, demorados de angústia, as carícias de um adeus silencioso e decidido...

[A fanfarra que, triunfal, me soava momentos antes aos ouvidos, a bela certeza de um amor incondicional e profundo, tudo se esvaía para dar agora lugar a considerações de ordem bem diferente.]

Ana Rosa era uma criatura à parte, uma delicadíssima flor de emoção e de sensibilidade, que tudo magoava, que tudo alegrava, desdenhosa de tudo, de tudo curiosa, que tropeçara talvez sem querer — tão certo estava eu da seriedade do amor de uma criança de 16 anos! — e que já se levantara desiludida e desconsolada, odiando [já talvez] o homem que a atraía com ciladas, cheio de maldade e de experiência, onde ela por fim caíra inocente e sem defesa.

A minha consciência vacilava. O seu amor parecia espontâneo, sincero, sem cálculo. Via que esperara um ano que eu lhe dissesse: vem, para obedecer sem murmúrios; mas media ela as consequências do seu ato, supusera ela em que irremediáveis vergonhas ele desfecharia e com a sua sensibilidade afinadíssima, não sentiria ela agora tédio e dor, que tudo se refletiria em mim, que a não soubera poupar com blandícias e a desflorara com a fereza do cafre bêbedo e lascivo?

Mas que novidade tão grande em tais pensamentos! Quando fora, e por quem fora, que eu já alguma vez na minha vida arquitetara tais devaneios e que me importava a mim a sensibilidade de Ana Rosa, agora à minha inteira discrição, sempre que eu quisesse e o tempo que me apetecesse?

Não era assim. Nos recessos mais íntimos da minha consciência ouvia eu dizer que não era assim, agora, com Ana Rosa, como para com as outras. Aquela hora de gozo fora só minha e para que se completasse era forçoso levá-la a participar da minha sensualidade; ela sofrerá, dorida, em

pranto, eu tripudiava [na sua carne], sobre as ruínas da sua carne. Era forçoso para meu descanso que ela, com palavras de arminho, me repetisse o seu perdão, e me roçasse outra vez os lábios pela cara, e me passasse os braços ao pescoço e me jurasse que sofrer comigo era o seu paraíso.

O caso era pois muito grave: eu estava enamorado! E para que me não restasse dúvida, obedecendo ao mais imperioso dos impulsos, saí para a ir ver e logo ao atravessar o pátio, a mesma timidez que me roera em imaginação, me tolheu o passo. Como eu não tinha coragem de ir ver aquilo que era meu, uma criança irremediavelmente já sujeita ao domínio do meu capricho, de cujo corpo e alma eu tomara posse efetiva, indiscutível! Mas não tinha coragem.

No pátio havia uma imensa roseira chá, na plena florescência do outono: demorei-me a colher alguns botões, para lhos dar, os mais prometedores, ainda cheios do carmim que ao abrir se espalha pela rosa inteira, levemente, a humedecer-lhe as pétalas de oiro. E com uma extraordinária resolução caminhei para o armazém que ficava ao fundo de um corredor, o qual também levava ao jardim. Parei na porta do jardim e de aí disfarçadamente pus-me de observação.

Mas no armazém, que era imenso e também servia de adegas, havia umas vasilhas por arrumar que intercetavam a vista do fundo onde as raparigas escolhiam trigo. No armazém havia um grande silêncio. Chamei pelo feitor a pretexto de [lhe dar] uma ordem qualquer que o afastasse e indiferentemente perguntei-lhe se as raparigas estavam todas já. Não faltava nenhuma... Isto é falta a..., como se chama ela?... a Adelina que já não vem há três dias... suspêndia.

Falta uma! enquanto o imbecil lhe não citou o nome eu fiquei-lhe suspenso dos lábios, à espera de uma... sentindo pulsar-me o coração aflito.

Ele foi-se e eu entrei assobiando, atravessasse a casa, passei pelas mulheres que duas a duas, sentadas no chão, sobre capachos, escolhiam trigo em taboleiros para a sementeira e fui-me pôr à porta — uma grande porta que abria para o rio. De relance observei Ana Rosa, que, muito pálida, abaixou a cabeça.

— Que lindas rosas, Sr. Germano, disse uma delas, a abelha mes-tra — são para a Aniquinha?...

Eu olhava distraído o movimento que ia num pequeno estaleiro próximo onde [calafates e marujos] botavam à água em preia-mar uma lancha concertada... Mas voltei-me, vivamente, sentindo-me vermelho.

— Pois para quem haviam de ser?... E olhei Ana Rosa.

Ela fez-se de púrpura.

- Para mim?... logo muito pálida — Botões de rosa, já os não mereço.
- E pôs de novo a cabeça em baixo.
- Pois para ti é que são, toma lá...
- Não preciso... — em voz sumida.

E a abelha mestra:

- Aceite as flores, menina... O que tem, Aniquinha, está tão branca...
- Estou doente... atalhou levantando-se. Vou-me embora. E pondo o chale, a cambalear saiu passando por mim sem me ver e sem que eu tivesse... de lhe dizer coisa alguma.

— Não sei o que ela tem hoje, mas está doente, Sr. Germano. Há bocado perdeu os sentidos. Fez bem em ir para casa... disse a companheira do trabalho e a abelha mestra:

— Com o que ela se enerva bem eu sei... E piscou-me o olho enquanto as mais todas se riam indecentemente.

Voltei ao escritório e passei todo o dia em casa, febril, sem poder fixar o aposento, fumando sem descanso, atirando longe de mim com violência qualquer livro que tentasse ler quando buscava repouso, distração ao espírito.

Não a podia procurar [de dia] em sua casa na rua onde ela morava, mesmo no coração dos Fumeiros, o bairro de pescadores, rua por onde somente os seus moradores transitavam e que não dava caminho plausível para sítio algum, de forma que a minha passagem por ali, que eu evitei sempre, seria verdadeiro escândalo que mais a poderia irritar. Esperei a noite e já sol posto demorei-me em indecisões e dúvidas: quando lá cheguei já a porta se encontrava fechada e como eu olhasse ao postigo a ver se descobria luz logo uma vizinha fronteira se assomou, adivinhando-me, para me dizer:

- Por aqui o Sr. Germano... A Aniquinha e a mãe já se deitaram.
- Eu não busco a Aniquinha, senhora — atalhei bruscamente, quase envergonhado.
- Ah! cuidava... — replicou na sombra em tom malicioso.

A noite foi torturada e toda em branco. Mal rompia a madrugada, já eu abria a porta do pátio, e deixava entreaberta a porta do escritório onde me pus de atalaia, à espera. Mas tocou à missa d'alva, fez-se o dia, o sol subiu, tocou novamente à missa das oito e ela não apareceu. O despeito ia dando em mim lugar a uma surda irritação. Eu refletia: ainda bem que não vem. Assim isto acaba logo e melhor será... Mas no fundo da

consciência a dor era mais forte a clamar: tudo menos isso. Se ela não voltasse, que sofrimento!

Fui como um criminoso espreitar à entrada da adega a ver se ela chegava pelo lado do rio como as outras trabalhadeiras, pois era já hora de começarem na sua faina. Adiantei-me até ver as mulheres. Ela lá estava ao tabuleiro, toda absorvida no seu trabalho e eu retrocedi ao vê-la, com uma grande onda de sangue a afogar-me o coração.

Corri ao jardim onde florescia um imenso pitósporo com uma rescendência admirável e colhi um grande ramo que lhe atirei às mãos.

Ela pegou nele, sem erguer os olhos, com jeito de o querer atirar fora; mas reparando bem:

— Que lindas flores... e logo sobressaltada — isto são flores de laranjeira... flores de laranjeira... para mim.

— Pois tu não vês que não são de laranjeira? Parecem mas não são...

— Ah! então fico com elas!...

Ao meio-dia eu voltei ao armazém. As companheiras saíram e ela ficou só, dizendo que nesse dia não ia a casa e como o feitor também saísse, a qualquer recado a que o mandei, ficámos sós.

Muito enleado acerquei-me dela. — Esperei por ti toda a manhã...

— Pois eu não lhe disse que esperasse...

— Tu não gostas de mim... é melhor dizê-lo...

— O Sr. é que não gosta, que até sem necessidade nenhuma me anda a comprometer...

— Eu?

— Então para que andou ontem na minha rua?...

— Era para te ver.

— Contaram ao meu pai e esta manhã, [antes de ir para o mar], ele disse que se soubesse que uma filha sua... [com soluços na voz] — fazia (aquilo que eu fiz)... matava-a...

— E tu acreditas?...

— Eu sei lá...

— Dá-me um beijo...

— Não dou...

— Dá...

As nossas bocas uniram-se rapidamente com uma igual sede de amor e quando se despegaram era para murmurar promessas de prazer, de novos encontros, de completa união...

— Amanhã pela manhã lá vou...

— Mas hoje...

— Hoje não... Só se um pedacinho, levanto-me quando estivermos a trabalhar e vou...

— Assim, não...

— Ao largar do trabalho saio pelo pátio e lá vou...

À tardinha foi e demorou-se um instante, nos pareceu, mas quando saiu já estavam os candeeiros acesos...

De manhã cedo esperava-a ansioso e ainda no pátio tomei-a nos braços e levei-a para dentro de casa apertando-a contra o meu peito com tanta força que ela gritava: olhe que me afoga....

Os encontros seguiram regularmente de manhã e à tarde, mas de manhã ela vinha antes de nascer o sol e à tarde por mais cuidado que tivéssemos nunca saía sem os candeeiros estarem acesos e chegava a casa tarde. A mãe começou a desconfiar e uma vez que Ana Rosa enganada pela claridade da luz se começou a vestir às 2 horas a mãe, que pressentiu, bateu-lhe, advertindo-a a que se não tomasse juízo dizia ao pai e punha-a na rua. Ora justamente nesse dia chegaram de Lisboa umas coisas que lhe mandara vir — pois dinheiro não queria — saias brancas, meias, camisas com entremeios, todo um bazar de maravilhas que se estenderam no meu quarto sobre cadeiras e que ela a cada instante largava o trabalho para vir admirar e contemplar, devendo prová-los à tardinha antes de voltar a casa... Mas à tardinha, depois de vestida, olhei o relógio e digo-lhe: olha que são oito e meia...

— Ai meu Deus, o que dirá a minha mãe?...

— Olha, fica tu cá a noite....

— Isso nunca...

— Então vai assim para a tua mãe ver. Pensas tu que ela não sabe já...

— Saber ao certo, não, mas anda desconfiada. Era capaz de me matar se tivesse a certeza...

— Não tenhas medo que te não mata...

Nisto ouviram-se passos no pátio e logo após breve hesitação, alguém batia com a mão à porta do escritório...

— A minha mãe, a minha mãe... — disse espavorida Ana Rosa — conheço-lhe os passos...

— Pois tu não vais...

— Ai meu Deus...

Bateram de manso, e à minha pergunta, quem era, respondeu a voz da mãe:

— Ó Sr. Germano faz favor de abrir...

Fui abrir e reconheci com efeito a senhora Jesuína que era uma mulher pequena e, vendido, — entre, entre... a fui levando para uma sala contígua ao escritório onde acendi a luz.

— O que deseja... disse-lhe e observei que estava assombrosamente pálida.

— O Sr. bem sabe, venho buscar essa desgraçada, a Ana Rosa, a minha filha, que há de ser a vergonha da minha cara...

— Você bem sabe que eu gosto dela deveras... O melhor é deixá-la cá esta noite — disse cinicamente.

— Ela pode cá ficar esta noite, mas na casa dos pais é que já não torna a entrar...

— Pois bem, vamos ver — que ela decida — e fui ao quarto buscar a rapariga que estivera escutando e mais corajosa do que eu suspeitava veio aonde a mãe, ainda vestida de novo.

A mãe fitou-a um instante; caminhou direito a ela visivelmente encolerizada, mas eu interpus-me dizendo:

— Vê lá se queres ir com tua mãe...

— Vou...

— Mas olha que é para voltar amanhã...

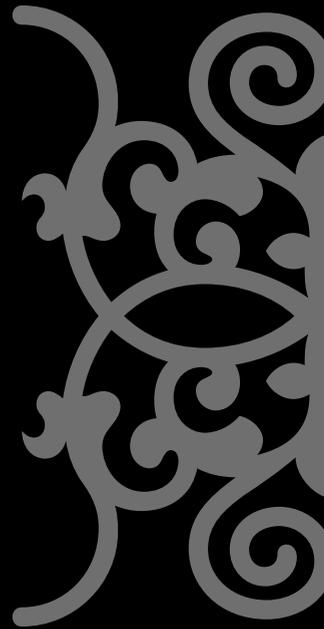
— Para voltar sempre — respondeu com voz firme...

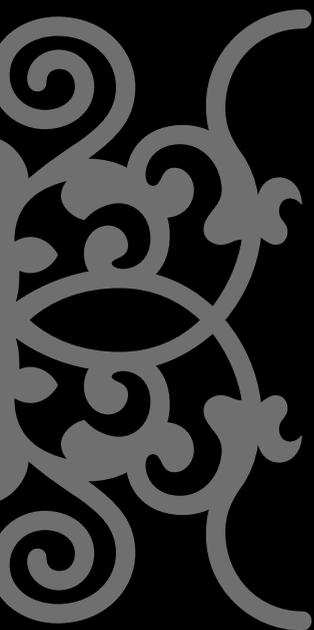
— Traste — atalhou a mãe — Em casa logo ajustamos contas...

— Se ela te bater vem-te logo embora — ouviste? observei eu.

— Sim senhor.

Sáiram. Ana Rosa ia visivelmente satisfeita, mesmo na expectativa de levar uma sova, por acabar com a falsa situação em que se encontrava com a mãe a quem se não atrevia a confessar espontaneamente a sua falta...





ÍNDICE

PREFÁCIO, <i>por</i> HELENA CARVALHÃO BUESCU	5
---	---

GENTE SINGULAR

D. JOAQUINA EUSTÁQUIA SIMÕES DE ALJEZUR (HISTORIETA QUASE ROMÂNTICA)	17
JOGOS DE BOLSA	33
GENTE SINGULAR	59
ÁLBUM (CONTO GROTESCO)	85
SEDE DE SANGUE	97
POSFÁCIO	113
O TRISTE FIM DO MAJOR TATIBIATE (CONTO SIMBÓLICO)	117
PROFECIA CERTA	129

NOVELAS ERÓTICAS

DEUS <i>EX MACHINA</i>	141
A CIGANA	173
MARGARETA	183
CORDÉLIA	195
?	201
O SÍTIO DA MULHER MORTA	207

MARIA ADELAIDE

I	235
II	237
III	239
IV	241

V	243
VI	245
VII	247
VIII	249
IX	251
X	253
XI	255
XII	257
XIII	259
XIV	261
XV	263
XVI	265
XVII	267
XVIII	271
XIX	273
XX	275
XXI	277
XXII	279
XXIII	281
XXIV	285
XXV	287
XXVI	289
XXVII	291
XXVIII	297
XXIX	299
XXX	301
XXXI	303
XXXII	305
XXXIII	307
XXXIV	309
XXXV	311
XXXVI	313
XXXVII	315
XXXVIII	317
XXXIX	319
XL	321

XL I	323
XL II	325
XL III	327
XL IV	329
XL V	331
XL VI	333
XL VII	335
XL VIII	337
XL IX	339
L	341
LI	343
LII	345

ANA ROSA

ANA ROSA	351
----------------	-----

OBRAS DE MANUEL TEIXEIRA-GOMES

- Inventário de Junho*, 1.^a ed., Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1899; 2.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1918; 3.^a ed., ilustrada, Lisboa, Seara Nova, 1933; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 5.^a ed., com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Cartas sem Moral Nenhuma*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1903; 2.^a ed., Lisboa, Clássica Editora, 1912; 3.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1934; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 5.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986.
- Agosto Azul*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1904; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1930; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Sabina Freire*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1905; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1936; 3.^a ed. (com estudo crítico de Carlos Malheiro Dias), Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa Bertrand Editora, 1987.
- Desenhos e Anecdotas de João de Deus — Reprodução de Um Artigo da Revista Arte & Vida para Ser Vendida em Proveito da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo João de Deus*, Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1907.
- Gente Singular*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1909; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1931; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Cartas a Columbano*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1932; 2.^a ed. [com três retratos do autor por Columbano], Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1957).
- Regressos*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1991.
- Novelas Eróticas*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1961).
- Miscelânea*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1937; 2.^a ed., vol. I, Lisboa, Portugália Editora, Lisboa, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Maria Adelaide*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1938; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986; 4.^a ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.

- Carnaval Literário*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1939; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Ana Rosa*, Lisboa, Seara Nova, 1941. [«Proémio» de Castelo Branco Chaves, escrito a 22 de outubro de 1941].
- Londres Maravilhosa*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1942; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1960).
- Correspondência I: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Correspondência II: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Sabina Freire, comédie en trois actes*, Carlos Malheiro Dias (préface), Armand Guibert (traduction), Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Presses Universitaires de France, 1971.
- Obras Completas I (Inventário de Junho — Cartas sem Moral Nenhuma — Agosto Azul)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.
- Obras Completas II (Gente Singular — Novelas Eróticas — Maria Adelaide)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.



ISSN 978-972-27-2951-2



9 789722 729512